

# O ARAME

RUBEM BRAGA

Um amigo meu tem essa vitrola em que a gente pode gravar, num rolo de arame, uma coisa qualquer — e tocá-la logo depois, ou quando quiser. Pode-se também "apagar" o que se gravou.

As máquinas desse tipo, estão cada vez mais aperfeiçoadas e dentro de alguns anos serão vulgares; muitas famílias terão seus rolos de gravação como hoje têm álbuns de fotografias. Vejo agora uma nota dos Estados Unidos dizendo que um vendedor desses aparelhos faz sua propaganda sugerindo aos políticos que gravem as palavras de seus adversários para irradiá-las mais tarde, durante a campanha eleitoral, quando eles estiverem dizendo coisas muito diferentes...

Posso dizer com segurança que a sugestão do vendedor norte-americano já foi, muito antes de ser feita, aceita por alguns políticos brasileiros. Um dos mais importantes me contou. Tinha apurado que certos outros figurões possuem, em seus gabinetes, microfones bem disfarçados. Nesta fase de acordos e desacordos, e principalmente de fuxicos, eles gravam o que diz o outro político em conferência reservada. Durante a próxima campanha presidencial teremos, sem dúvida, algumas irradiações muito sur-

preendentes. A intriga eletrotônica vai entrar em ação... E até certas conversas pelo telefone já estão gravadas.

Não pretendo assustar com isso os senhores políticos; estou pensando é nos problemas que esse aparelho criará quando ele deixar de ser usado apenas pela polícia e pelos políticos, e entrar na vida quotidiana da população. Quando começar a fixar as palavras que são ditas nos casos de família e nos casos de amor. A serviço do bem e do mal, do ciúme e da paixão, do ódio ou da simples "ursada" o aramezinho traícoeiro fará misérias.

Esperemos que a falta de dólares impeça a invasão desses rolos diabólicos que transformam a palavra falada em alguma coisa mais definitiva e impressionante que a palavra escrita — pois a voz no arame é certamente muito pior que o preto no branco. Se, mesmo escrevendo, a gente tem dificuldade em ser prudente, será longo o processo de adaptação a esse novo perigo, que é tração das quatro paredes.

E afinal tudo isso — a fotografia, o cinema, a gravação da voz, o papel escrito — tudo isso é uma tração à vida. A mais coerente e monótona das criaturas vive apenas o instante que passa. Gravar artificialmente esse instante não é guardar um pedaço de vida, é fabricar uma pequena múmia absurda e falsa.

"Aqui está a verdade" — diz o homem com a fotografia ou o rolo do arame na mão. Mas a verdade verdadeira da vida, ele não a prende na mão: ela lhe escorre entre os dedos, fluida e mutável, doce e cruel no seu fluir.

E o resto é melancolia, e coisa morta.

5.6.49

163